

Metáforas da crise cotidiana: os *media* e a veiculação da crise grega

José Teixeira¹

Resumo: A partir da forma como nos *media* portugueses são veiculadas as relações de oposição e negociação entre a Grécia e a União Europeia, pode verificar-se a importância e a força que a metáfora conceitual possui como mecanismo linguístico e cognitivo de construção de perceções, defesa de pontos de vista e fundamento de perspectivas ideológicas. Alicerçando-se numa estrutura metafórica de base, a negociação é colocada entre os domínios JOGO e LUTA, evidenciando-se o peso das metáforas como poderosos mecanismos para construir e manipular as perceções que temos sobre a realidade.

Palavras-chave: Metáfora conceitual. Perspectivas ideológicas. Crise grega.

Abstract: From the way the portuguese media approached the opposing relations and negotiations between Greece and the European Union, we were able to verify the importance and force the conceptual metaphor has as a linguistic and cognitive mechanism in building perception, defending points of view and supporting ideological perspectives. Taking foundation on a basic metaphorical structures, negotiation is situated between the GAME and FIGHT domains, shining a light on the metaphors' powerful mechanisms for constructing and manipulating our perceptions of reality.

Keywords: Conceptual metaphor. Ideological perspective. Greek crisis.

Resumen: A partir de la manera con que los *media* portugueses vehicularon las relaciones de oposición y negociación entre Grecia y Unión Europea, se puede verificar la importancia y fuerza que la metáfora conceitual posee como mecanismo lingüístico y cognitivo de construcción de percepciones, defensa de puntos de vista y fundamento de perspectivas ideológicas. Con base en una estructura metafórica de base, la negociación es situada en los dominios de JUEGO y PELEA, evidenciando el peso de las metáforas como poderosos mecanismos para construir y manipular las percepciones que tenemos sobre la realidad.

Palabras-clave: Metáfora conceptual. Perspectivas ideológicas. Crisis griega.

¹ Professor da Universidade do Minho, Portugal.

Os números e a sua irrelevância²

Uma informação como “em 2014 o PIB do país foi de 179.080,6 milhões de euros” de que é que serve?

Para a maior parte dos falantes, não serve para nada.

Ao contrário do que, por vezes, se pretende fazer crer, a “objetividade” dos números tem muito de anticognitivo e antipercetivo. A informação, para ter valor, tem que ser relacional. Mas, então, se se acrescentar que esse país tem 11 milhões de habitantes? Para alguns especialistas em economia, a informação já começa a significar algo mais, mas para a esmagadora maioria, pouco (ou nada) mais acrescentou.

Para a informação “fazer sentido” numa dimensão comunicativa, para a generalidade dos falantes, terá de ser expressa como “o PIB *desceu/ estagnou/ subiu/ explodiu*”, ou seja, imaginando o PIB como um objeto que se move no espaço com maior ou menor força ou impacto: quer dizer, só com metáforas.

A economia e todos os outros domínios sobre os quais construímos informação são, pois, percecionados de uma forma mais rápida e eficiente na interação linguística através de metáforas. Por isso, como já é sobejamente ressaltado, a obra de Lakoff e Johnson *Metaphors We Live By* (LAKOFF; JOHNSON, 1980) marca um ponto de não retorno no entendimento da metáfora como processo

² O corpus das metáforas recolhidas e analisadas centra-se sobretudo na veiculação feita pelos media da crise da dívida soberana grega e nas negociações entre o governo grego, assente no partido Syriza, e a chamada Troika (FMI, BCE e EU/Comissão Europeia), sobretudo na primeira metade de 2015. Obviamente que este segmento temporal se insere num período mais longo, também considerado de crise das dívidas soberanas europeias e entre os dois há evidentes aspetos de interseção, realidade que a veiculação mediática ilustra.

essencialmente concetual depois explicitável, entre outros modos, de forma verbal.

Já sobejamente conhecida e divulgada para aqui ser exaustivamente explanada, a visão lakoffiana distingue a metáfora concetual, o enquadramento cognitivo de um domínio da realidade que irá servir para perceber um outro domínio, das expressões metafóricas verbalizadas dessa metáfora concetual. Assim, o domínio ECONOMIA pode ser percebido com um domínio mais experienciável como EDIFÍCIO e ser verbalizado em metáforas como “as bases da economia”, “os alicerces da economia”, “a economia está a desmoronar-se” ou “a economia portuguesa tem de abrir novas janelas”.

A versão em português da obra, *Metáforas da Vida Cotidiana*, pretende, desde logo, no título, sublinhar que o fenómeno metafórico não é uma anomalia estilística ou uma “figura” excepcional da linguagem, mas a forma mais habitual, cotidiana/quotidiana³ através da qual conseguimos perceber e exprimir as nossas vivências.

Porquê metáforas para a perceção da crise?

Ora se há conceito que cotidianamente, nos últimos anos, se atravessa nas nossas vivências é o conceito de crise económica. A Europa (e não só, mas especialmente ela) está a passar por um dos maiores períodos de crise económica da sua história recente. Os *media*, as conversas, as realizações culturais mais sérias ou humorísticas

³ Embora no Português Europeu a forma “cotidiana” exista, é mais usado o termo “quotidiana”. Neste contexto –porque se trata de uma obra em homenagem ao livro *Metáforas da Vida Cotidiana*– usarei a forma *cotidiano/a*.

lembram-nos constantemente que é num quadro de crise económica que vivemos.

“Números são números” é a tautologia repetida que poderá parecer justificar que só deverá haver uma leitura das crises e que toda a perceção que neles não se basear é uma perceção falsificada.

Mas, na realidade, as coisas são muito diferentes. Por muito estranho que pareça, os números, em bruto, pouco *nos* dizem sobre as crises. Nós, seres humanos, jogamos com modelos mentais, não apenas com os números e a lógica, racional e objetiva que eles deveriam transmitir.

Ora para a perceção de uma crise, mais importante que a realidade dos números económicos de um país é o modelo mental que se faz sobre o quadro económico. Como qualquer economista sabe, os números podem ser péssimos e não haver crise (aplica-se a metáfora da bolha, que mais tarde pode rebentar...). As incontornáveis agências de notação de risco ou agências de *rating* não são mais do que agências de *perceção* do risco. É a perceção que elas apresentam que pode arruinar um país, levá-lo a não ter crédito e ter que entrar em bancarrota ou pedir uma situação de emergência (as célebres intervenções da Troika). São, portanto, perceções, modelos/quadros mentais o que decide a crise ou a não crise ou mesmo a sobrevivência de uma economia e de um país.

Mas também, por isso, a sobrevivência de cada pessoa. A estrutura económica estabelecida é que nos permite viver como vivemos e estar organizados com estamos. É, portanto, vital para as estruturas sociais em que nos inserimos e envolve, por isso, aspetos percetivos e ideológicos a que não podemos fugir.

Segue-se, portanto, que a apresentação da crise económica implica, à partida, dois aspetos: por um lado é ineludível, forçosamente ela nos *é apresentada* nos *media* todos os dias; por outro, essa apresentação não é numérica e despida, mas concetual e interpretada. Mais do que os números do PIB, do desemprego, das taxas de câmbio, do índice das Bolsas ou das notações das agências financeiras, oferecem-nos visões interpretativas desses mesmos números, o que é que eles significam: se a economia está *doente*, se *sobe* ou *desce*; se a agência financeira *colocou a dívida no lixo* ou não; se há *tempestade* ou *bonança* na bolsa; se o ministro *lutou por defender* a economia do país nas instâncias internacionais, se *ganhou*, se *perdeu*, se *lutou* como um *herói* ou se *perdeu a batalha*.

Mas isto são... metáforas, melhor, expressões em metáfora dos números da economia que, na sua nudez ou crueza pouco nos dizem. No entanto, se vestidos de metáforas, já nos podem mais facilmente ajudar a perceber as situações a que se referem.

Ora é esta necessidade inultrapassável da expressão metafórica que a torna tão recorrente e a volta para a função última da linguagem verbal: mais do que informar, argumentar, apresentar pontos de vista. Na realidade, a metáfora permite selecionar padrões, marcos de enquadramento. Permite moldar e ver a realidade numa perspetiva selecionada e por isso é que sobre o mesmo facto podem existir metáforas com valores opostos.

Há, portanto, interesses ideológicos e económicos a que as metáforas não são inocentes⁴. Se são os modelos mentais que nos permitem perceber a realidade, uma boa metáfora pode focalizar um

⁴ Sobre a questão da verdade ou mentira que as metáforas podem acarretar, ver Teixeira (2013).

aspecto que queremos fazer ressaltar ou desviar a atenção de um outro que não queremos focar. Referindo-se à notação financeira de Portugal pelas agências de *rating*, o governo prefere sempre dizer que a notação de Portugal é “nível BB”, enquanto a oposição, quando quer indicar o que considera a má gestão económica do governo, prefere a metáfora “nível Lixo”. Não é difícil perceber porquê.

A crise é um contentor especial

As expressões tão frequentes “entrar em crise”, “estar em crise”, “sair da crise” evidenciam como o esquema que, na base, suporta a imagética da crise é o de contentor (CRISE É UM CONTENTOR), como poderia ser representada na Figura 1.



Figura 1: A CRISE É UM CONTENTOR

Mas não se pode ficar por aqui, por esta esquematização muito genérica. A crise é um contentor especial. O esquema de contentor pode ser positivo (*casa, abrigo*) ou negativo e o da crise é especialmente negativo.

É um contentor fechado (e não aberto, como genericamente o esquema do contentor é representado), porque A CRISE É UM OBJETO QUE NOS CAI EM CIMA ou que se *abate* sobre nós/ o país:

- 1) *A crise abateu-se entretanto sobre a zona euro mas centrada agora na dívida soberana.*⁵
- 2) *Causas da crise que se abateu sobre o país.*⁶
- 3) *A atual crise econômica que se abateu sobre o país...*⁷
- 4) *Yanis Varoufakis "desconstrói o mito de que o financiamento, a regulação pouco eficaz dos bancos, a ganância e a globalização foram as principais causas da crise global que se abateu nos últimos anos.*⁸

E, por isso, A CRISE É UM OBJETO QUE ESMAGA, as pessoas, a economia:

- 5) *Crise esmaga lucros da Novabase em 80%.*⁹

Por isso, quem está debaixo da crise sente-se sufocado, não consegue respirar: CRISE É AR IRRESPIRÁVEL:

- 6) *Crise sufoca. Há quem nunca pensasse chegar a este ponto.*¹⁰
- 7) *Crise sufoca o primeiro emprego.*¹¹

É interessante verificar o uso desta metáfora (CRISE É AR IRRESPIRÁVEL) pelo então líder da oposição, Passos Coelho, e se

⁵ Prospeto do Curso "Compreender a Crise: Fundamentos económicos da atual crise económica e financeira", Universidade do Porto, 2012.

⁶ <http://questaodejustica.com.br/noticias/178-causas-da-crise-que-se-abateu-sobre-o-pa%C3%ADs#.Ve2iQxFViko>

⁷ <http://noticias.uol.com.br/opiniaio/coluna/2015/07/29/crise-deixa-industria-de-maquinas-em-situacao-hedionda.htm>

⁸ http://www.dn.pt/inicio/economia/interior.aspx?content_id=4621426

⁹ http://www.dinheirovivo.pt/Empresas/interior.aspx?content_id=3889745

¹⁰ <http://www.tvi24.iol.pt/videos/gregos-perdem-vergonha-e-correm-a-sopa-dos-pobres/53f4fbe13004540d1c4dc318/2236>

¹¹ <http://www.gazetadopovo.com.br/economia/crise-sufoca-o-primeiro-emprego-3lwaga8krmciry0r7o5w7hw0e>

preparava para justificar o seu não apoio ao chamado *Pack 4*, o que implicaria a necessidade de pedir ajuda externa pelo governo do Partido Socialista. Passos Coelho queria, na altura, apresentar o país como estando em crise. A metáfora que usou foi precisamente **CRISE É AR IRRESPIRÁVEL**, bastante divulgada pelos *media*:

8) *Passos Coelho considera que o clima "está irrespirável".*¹²

Referir-se ao clima (socioeconómico e político) como “irrespirável” é lançar a visão de que a crise já está instalada e por isso se justifica a sua opção de obrigar o governo a pedir ajuda externa e *entregar* o país à Troika, como posteriormente será acusado.

Este especial esquema de contentor (CRISE É UM CONTENTOR), fechado (A CRISE É UM OBJETO QUE NOS CAI EM CIMA), esmagador (A CRISE É UM OBJETO QUE ESMAGA) e sufocante (CRISE É AR IRRESPIRÁVEL) implica um esquema fechado de forças antagónicas sobre o país que a Figura 2, melhor do que a 1, pode representar.

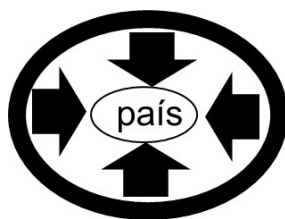


Figura 2

Este esquema facilmente se transforma numa metáfora de predação e morte, onde todos estes atributos se conjugam: então **A CRISE É UM MONSTRO** que leva ao extremo a característica [estar contido em], ou seja, o sufoco e o esmagamento até à morte. *Cartoons*

¹² http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=78&did=7789

como o da figura 3, intitulado “Crise: o monstro que os devora a todos” são a explicitação perfeita desta metáfora sobre a crise.¹³

Crise: o monstro que os devora a todos

por Henrique Monteiro, em 18.06.10



Figura 3: Crise: o monstro que os devora a todos

Os países são representados pelos chefes de governo: Portugal e França já estão a ser engolidos e Itália e Alemanha, agarrados pelo monstro, terão (supõe-se) o mesmo destino.

A metáfora da crise como “monstro que os devora a todos” não cumpre apenas mais um papel de facilitador percetivo sobre a crise, mas implica uma subtil tomada de posição ideológica. Com efeito, se a crise for apenas uma coisa que se *abate* sobre um país, a crise é individualizada e pode saber-se quem está ou não em crise. Há responsabilidades e causas que podem ser apresentadas para o *abatimento*, porque quando algo *se abate* é porque alguém cometeu erros e alguma razão houve. Mas se a crise for “um monstro que os

¹³ “Henricartoon, por Henrique Monteiro, em 18/6/2010: <http://henricartoon.pt/207105.html>

devora a todos”, então não há fuga possível, não há responsabilidade individual: a culpa é do monstro e os países são apenas vítimas.

Ora era (é, ainda) precisamente este o debate ideológico mais geral na Europa sobre a crise, principalmente a das dívidas soberanas: para uns, a crise era da Europa e não dos países, sendo estes vítimas de uma crise (*um monstro*) a que não podiam fugir; mas para outros, a crise das dívidas era culpa dos próprios países endividados que viam a dívida *abater-se* sobre eles em forma de crise.

A crise é um contentor de onde se quer fugir

Constituem-se, assim, dois quadros mentais que lutam diariamente através dos *media* de toda a Europa para tentarem impor os respetivos pontos de vista. E a questão não é apenas ideológica, mas dramaticamente vital: a sobrevivência do partido ou do país a que se pertence está dependente do predomínio de um ponto de vista:

Países em crise	Países fora da crise
Grécia e outros países	Alemanha e outros países
Syriza/ Tsipras/ Varoufakis	Merkel/ Schäuble
CRISE É MONSTRO	CRISE É DESABAMENTO
Não há culpas próprias	É só culpa própria

Tabela 1

Não é por acaso que países como Portugal, a nível oficial, repetem exaustivamente a mensagem “Portugal não é a Grécia”: sabem a importância vital que tem para os mercados internacionais pertencer a um ou outro dos quadros que o esquema da Tabela 1 apresenta. É bem sintomático dessa importância e da recorrência a foto da Figura 4,

tirada a uma parede onde alguém escreveu “Repetir” antes da inscrição NÓS NÃO SOMOS A GRÉCIA (repetido 6 vezes) e depois “Até Acreditar!”. Este mural evidencia a recorrência da repetição de “Nós não somos a Grécia” e simultaneamente a importância de (pelo menos um grupo) *acreditar* nisso, ou seja a importância da construção e imposição de quadros mentais para o domínio (pelo menos ideológico) da crise.

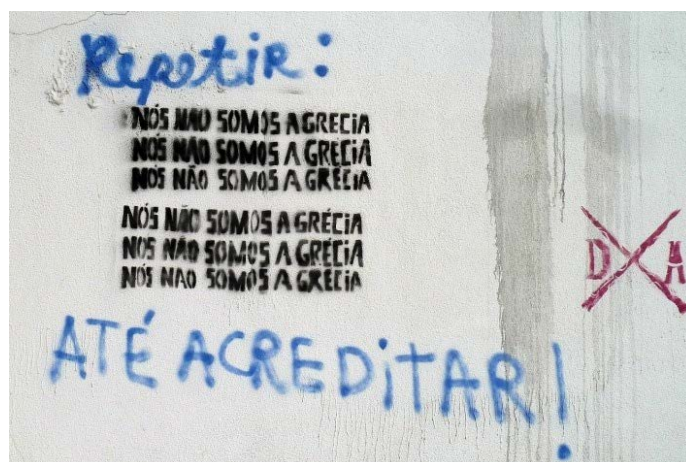


Figura 4

Negociar: entre o jogo, a luta e o namoro

Irão constituir-se, assim, 2 polos em oposição (Figura 5): por um lado a Grécia, que pede dinheiro para se salvar, mas para isso tem de aplicar medidas que não são do seu agrado; no polo oposto, os detentores do dinheiro (numa relação multi-metonímica MERKEL POR ALEMANHA POR EUROPA POR TROIKA¹⁴), que podem tirar a Grécia da crise, mas que a obrigam a aplicar as medidas exigidas.

¹⁴ Troika designa, neste contexto das negociações sobre empréstimos na crise das dívidas soberanas, o conjunto formado pelo Banco Central Europeu, o Fundo Monetário Internacional e a Comissão Europeia.

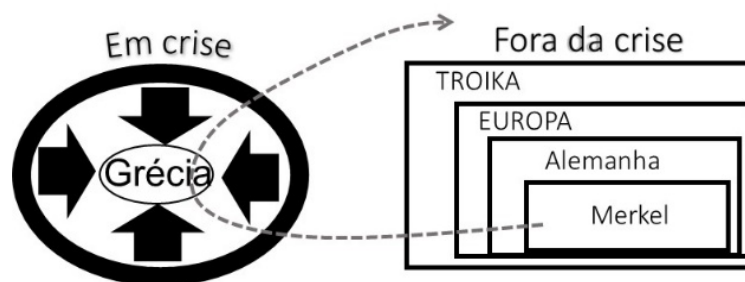


Figura 5

A existência destes dois blocos implica oposição ideológica, mas também negociação, porque o desejo comum de acabar com a crise (perigosa para todos, porque *contagante*, pela metáfora da CRISE É DOENÇA CONTAGIOSA) a isso obriga. Isto significa que tem que haver uma negociação entre os dois blocos, já que quem está em crise quer sair da crise e quem não está não quer ser *contagiado*.

Em suma, o quadro mental que enforma esta realidade implica dois blocos de países, simultaneamente oponentes e obrigados a negociar.

Vai ser este quadro que irá ser o fundo em que se processa a comunicação metafórica dos *media* sobre as negociações Grécia-Troika, interconectando 3 conceitos ou domínios principais (3 *frames*)¹⁵: *negociar, jogar e lutar*.

As interconexões entre os três apresentam-se muito fortes, o que desde logo sugere que, talvez, imaginar que o processo metafórico envolve apenas dois domínios seja simplista em certos casos como este.

¹⁵ Não nos interessa aqui apresentar as possíveis diferenças a nível teórico entre *frame* e domínio cognitivo, termo mais tradicional na teoria da metáfora concetual. O próprio Lakoff identifica os dois conceitos: "Contemporary metaphor theory, from the beginning in 1979, recognized that metaphors are frame-to-frame mappings at a general level" (LAKOFF; DAVID, 2013), "Wikis, beans and cats: The Cascade Theory of Metaphor", Conference Paper, The 12th International Cognitive Linguistics Conference (ICLC 12), Edmonton, Canada.

As relações entre os domínios do jogo e da luta são sobejamente conhecidas.¹⁶ Mas aqui o alvo não é nem um nem outro: não se trata de referir um jogo ou uma guerra, mas uma negociação. E neste caso, sendo este domínio, NEGOCIAR, o alvo, ele irá engatilhar de igual modo os outros dois, o que implica, obviamente, um estatuto de não igualdade entre os três. No entanto, as ligações metafóricas entre os três só são possíveis por se poderem encontrar ligações comuns ou sinapses comuns, se quisermos levar a questão para as propostas neurais sobre a metáfora.¹⁷

Poder-se-ia propor um esquema (Figura 6) que mostrasse o domínio superior da meta (NEGOCIAR) e a dupla interconexão com os outros domínios que servem de fontes primárias (JOGAR e LUTAR).¹⁸

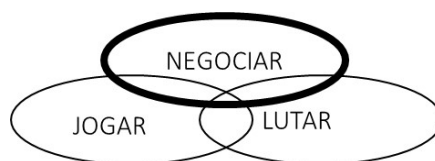


Figura 6

As interconexões entre os negócios e os jogos são um aspeto com tradição mesmo dentro das teorias da economia. Há uma abordagem às questões económicas conhecida por “Teoria dos Jogos”. Não é difícil de perceber que esta abordagem resulta do facto de, pela própria constituição sémica, os domínios do jogo e da negociação económica terem muito de comum. O facto de o ministro da economia grego, Yanis Varoufakis, ser um académico tido como especialista nesta vertente, na teoria de jogos aplicada à economia, veio, obviamente,

¹⁶ Ver Teixeira (2011).

¹⁷ Ver Feldman (2006); Lakoff (2008); Lakoff (2009).

¹⁸ Outros domínios-fonte podem juntar-se a NEGOCIAR, como se mostrará mais adiante.

reforçar a tentação de se olhar para as negociações entre a Grécia e a Europa/Troika como um “jogo”.

Frequentes são as abordagens dos *media* que começam precisamente por referir Varoufakis como “o especialista em teoria de jogos”. Isto leva a que, desde o início da negociação, para os *media*, se olhasse para a mesma negociação como se de um jogo se tratasse.¹⁹ “O jogo da Grécia”, “jogos gregos”, “a Grécia está a jogar para perder”, “concurso de póquer”, “O novo Governo mostrou as suas melhores cartas muito cedo”, “fazer *bluff*”, “jogo do medricas” são expressões frequentes (ver textos em anexos finais).

E o quadro mental criado, negociação-jogo, era tão dominador e frequentemente referido em todo o mundo que o próprio ministro grego, explicitamente, em artigo no *New York Times*, reproduzido em muitos sítios do mundo, sentiu necessidade de a ele se referir, explicitando-o com detalhe, para o negar:

Os teóricos dos jogos analisam as negociações como se estas fossem jogos em que se divide um queijo, envolvendo jogadores egoístas. Porque passei muitos anos, durante a minha vida anterior como académico, a investigar a teoria dos jogos, alguns comentadores apressaram-se a assumir que como novo ministro das Finanças da Grécia eu estava apressadamente a conceber *bluffs*, estratégias e opções externas na tentativa de melhorar uma mão fraca.

Nada pode estar mais longe da verdade.

Quando muito, os meus antecedentes de teoria dos jogos convenceram-me de que seria uma rematada loucura pensar nas atuais conversações entre a Grécia e os nossos parceiros

¹⁹ Ver, em Apêndice, alguns exemplos.

como um jogo de negociações que se pode ganhar ou perder através de *bluffs* e subterfúgios táticos.

(In *DN, Não é altura para jogos na Europa*, por Yanis Varoufakis²⁰, 17 fevereiro 2015).

Será que alguém ficou convencido com as explicações do ministro ou deixou de, cognitiva e verbalmente, associar a um jogo as negociações Grécia-Troika/Europa? Evidentemente que não. O artigo de Varoufakis apenas exponenciou ainda mais o quadro mental subjacente. Em vez de acabar com ele ou de o substituir, veio sublinhá-lo e evidenciá-lo mais.

Aliás, a metáfora NEGOCIAR É JOGAR favorecia a perspetiva grega. Na realidade, um jogo pressupõe dois contendores equivalentes, sendo qualquer um capaz de ganhar. Ao propor-se esta metáfora, estava-se a aceitar que era viável a Grécia levar a sua avante, que podia “vergar a Europa”. Um grande debate ideológico e político nos *media* que acompanhou todo o processo de negociação foi precisamente entre o bloco de opinião que pensava que era possível a Grécia *vergar* a Europa/Troika (conotado com uma ala de esquerda europeia) e outro bloco de opinião que defendia que isso era impossível, que a austeridade imposta pela Troika “não tinha alternativa”. Ressuscitou-se, até uma sigla muito glosada para ilustrar esta posição ideológica, o TINA, acrónimo do inglês para *There Is No Alternative*.

Na etapa final das negociações, quando se tornou claro que a Europa não iria ceder e ou a Grécia aceitava as condições impostas ou *cairia*, aquilo que parece ser a mesma metáfora altera-se substancialmente. No *jogo*, a Grécia deixa de ser o *oponente* e passa a

²⁰ Ministro das Finanças da Grécia. Artigo originalmente publicado no New York Times.

ser o *objeto* do jogo. Ou seja, desaparecem as metáforas da negociação em que o jogo consiste em dois intervenientes equivalentes e o jogo agora é apenas um jogo solitário da Europa em que a Grécia não é oponente (não há mais *oponentes...*) mas um *objeto* jogado. Bom exemplo é o cartoon animado *O efeito yo-yo* que mostra a Europa=jogadora de yo-yo, sendo este a Grécia, que a Europa deixa cair e logo puxa para cima, tornando a deixar cair e depois a puxar novamente, num ciclo interminável, num fundo de nuvens negras. A metáfora presente ainda é a de jogo, mas agora é um jogo diferente: GRÉCIA É YO-YO E EUROPA É JOGADOR DE YO-YO (*Cartoon O efeito yo-yo*, de Henrique Monteiro, 13/7/2015, Sapo *online*). Podemos dizer que continua a mesma metáfora NEGOCIAR É JOGAR? Não, porque aqui não é um jogo entre dois oponentes equivalentes, mas antes um jogar com um objeto. A Grécia não é um igual (ser humano) como o qual se joga o yo-yo (ou ioiô), mas é o próprio yo-yo, que neste caso é usado para acionar as metáforas CIMA É VIDA, BAIXO É MORTE (saída da Grécia do Euro).

NEGOCIAR É LUTAR é, por sua vez, um outro confronto entre domínios que complementa a anteriormente referida metáfora NEGOCIAR É JOGAR e que compõe o esquema metafórico mais fundamental sobre a negociação.

“O duelo é claro”, “tática de diversão”, “vai provavelmente recuar”, “enfrentaram ameaças”, “capitulação”, “sobrevive”, “rendição”, “perdedor”, “conflito”, “combate”, “luta”, “David contra Golias” são algumas das palavras e expressões (ver anexos finais) que ilustram a metáfora do negócio como uma luta.

Optar por esta metáfora em vez da anterior acarreta, visivelmente, uma dramatização do processo de negociação (ver Figura 6). Não é apenas uma questão de “estilo” ou de variação por variação do domínio fonte. A metáfora da negociação como guerra serve melhor para ilustrar quer o carácter heroico de quem luta para se defender – sobretudo sendo o adversário muito mais forte (e aparece a metáfora de David e Golias)— quer o domínio de um oponente sobre o outro.

As metáforas do jogo fazem equivaler os dois oponentes, são habitualmente pouco opinativas e focam mais o processo que o seu resultado. As da negociação como guerra são bastante mais opinativas e geralmente pressupõem uma tomada de posição. Optar por, em vez de *jogo*, metaforizar a negociação entre a Grécia e a Europa como *David contra Golias* obviamente implica perspetivar-se a Grécia como heroína, lutadora para se defender e não para atacar, alguém a quem se deve a simpatia que devemos ter pelos mais fracos quando lutam contra os mais fortes.

No entanto, nem sempre é nítida a diferença entre o jogo e a luta –no domínio linguístico. Palavras e expressões como “atacar”, “defender”, “conseguir a vitória” tanto dão para um domínio como para outro, o que evidencia a comunhão concetual entre os dois domínios. Por isso, é que no esquema proposto (Figura 6) os dois domínios se entrelaçam e estão ao mesmo nível, sendo na mesma dimensão os suportes metaforizantes de negociar. Numa passagem como “De um lado temos, então, o grego Varoufakis todo ao ataque”²¹ ou então noutras como “apesar de a Grécia ser obviamente a parte mais fraca no

²¹ Ferreira Fernandes, "Prognóstico antes do fim do jogo da Grécia", *DN*, 19.02.2015.

conflito, há muito mais em jogo”²², tanto podemos ver *jogo* como *luta*. Passa-se o mesmo quando o próprio jogo é em si mesmo uma luta, como acontece no boxe: “No primeiro *round* a Grécia ganhou tempo”²³.

A ausência de uma diferenciação nítida entre o domínio da luta e do jogo, na percepção e concetualização de *negociar*, só poderá ser motivo de admiração para quem defenda uma conceção demasiado repartida e estanque do processo metafórico. Na realidade, este não se passa sempre apenas entre dois domínios, embora envolva sempre dois domínios. E a confusão pode estar aqui. É que a metáfora envolve dois *frames/* domínios que estão sempre ligados a outros domínios. Podemos focar-nos apenas nos dois mais básicos (quando isso é possível), mas isso não quer dizer que não haja ligações e conexões mais complexas.

Nos últimos desenvolvimentos das visões neuronais do processo metafórico (*Cascade Theory*), estas conexões são chamadas *cascatas de ligações neuronais*, ou seja as *cascades* (cascatas) são circuitos neuronais que ligam diversas regiões do cérebro (KOECHLIN; ODY; KOUNEIHHER, 2003; DEHAENE, 2009). Para além da maior ou menor certeza de como funcionam a nível neuronal, o encadeamento metafórico evidencia que, na verdade, frequentemente, como aqui, as metáforas se encadeiam formando *cascatas* entre domínios que é fácil reconhecer como ligados. No nosso caso, ao evidenciar-se que não é possível distinguir sempre e com nitidez se NEGOCIAR é ligado a JOGAR ou a LUTAR, mostra-se como, na realidade, este trio concetual se liga para produzir as metáforas da negociação.

²² Anatole Kaletsky, “A Grécia está a jogar para perder”, *Negócios*, 18.02.2015.

²³ Daniel Oliveira (Título de artigo de opinião), *Expresso online*, 23.02.2015.

Mas a pluriligação de NEGOCIAR não se fica por aqui. Na verdade, outro domínio concetual profundamente ligado (metafórica e metonimicamente) a este trio é o de DISCUTIR/ DEBATER. Por isso, não admira que também ele seja acionado a partir do núcleo de interseção do trio. E por sua vez, este domínio DEBATER/ DISCUTIR pode acionar outros como NAMORAR, acabando este, já aparentemente muito longe do núcleo que possibilita NEGOCIAR/JOGAR/LUTAR, ser também acionado para a mesma concetualização: “Namoro continua na 2ª” (título ilustrado por uma foto da presidente do FMI, representando a Troika, e do ministro das finanças grego Varoufakis, ambos sorridentes: Susana Frexes, *Expresso*, 14 de fevereiro de 2015).

São, na verdade, cascatas de metáforas que se encadeiam e usam, não por meros motivos estilísticos, mas porque estão cognitivamente ligadas e correspondem a visões e pontos de vista diferenciados: a Grécia e a Troika podem estar num frente a frente metaforizado com as expressões *negociar, jogar, lutar, debater, namorar*. Optar por um destes termos indica uma focalização específica na referência ao processo.

Um esquema como o da Figura 7 poderá representar as ligações entre os domínios referidos.

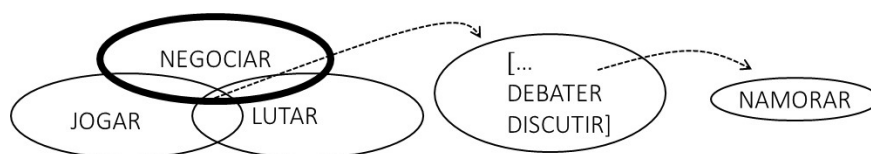


Figura 7

Grécia versus Europa: mitologia e ideologia nas projeções metafóricas

Uma rede metafórica como a atrás apresentada naturalmente que implicará caracterizar as personagens que entram na negociação. Poderiam ser apenas referidas de forma neutra como *gregos/Grécia* e *(os outros) países europeus/Europa*. Só seria assim se, como certos estruturalismos clássicos pensavam, a língua fosse um mecanismo neutro de transmitir um significado acético ou “a verdade” informativa. Mas não, aproveitamos muitas vezes o ato de referir para argumentar através das escolhas verbais que fazemos e isso acontece frequentemente por meio da metáfora. E então, a Grécia, os países europeus, a crise e a sua solução ganham, nas metáforas que os referenciam, as cores que queremos para compor o quadro final pretendido.

Fazendo um apanhado das metáforas encontradas sobre os objetos do processo (a Grécia; a Europa/Troika; a crise; o desenlace da crise), constata-se que são bastante recorrentes e muito ancoradas culturalmente (ver contextos completos em anexos finais):

- 9) GREGOS SÃO OS FILHOS DE HÉRCULES
- 10) TSIPRAS É HÉRCULES
- 11) VAROUFAKIS É HÉRCULES
- 12) GRISE GREGA É FURACÃO
- 13) GRÉCIA É PRECIPÍCIO INSTÁVEL
- 14) CRISE DA GRÉCIA É PEÇA DE TEATRO TRÁGICA
- 15) CRISE DA GRÉCIA É VACINA PARA A EUROPA
- 16) SAIR DO EURO É DAR TIRO NA CABEÇA
- 17) SAIR DO EURO É MORRER/ MINISTROS GREGOS SÃO CANGALHEIROS

- 18) QUEDA DA GRÉCIA É QUEDA DE PEÇA DE DOMINÓ
 NUMA SÉRIE
- 19) SOLUÇÃO DA CRISE GREGA É DEUS EX-MACHINA
- 20) ACORDO GRÉCIA-EUROPA É SOPA DE PEDRA

Como não será de admirar, o domínio da mitologia grega exerce grande atração para ser fonte de metaforizações (aqui e para concetualizar outros domínios, como adiante se referirá). Esta atração é explicável não apenas por uma questão de rede lexical e dos jogos que permite, mas igualmente (ou sobretudo) porque possibilita uma tomada de posição: mostrar os gregos como heróis que ousam desafiar os poderes económicos estabelecidos, poderes estes relativamente aos quais a maior parte da chamada “opinião publicada” não esconde uma certa antipatia. As metáforas elencadas em 9), 10) e 11) ilustram precisamente estas visões.

Já quem tem uma visão ideologicamente diferente e pensa que os gregos não tinham razão para assumirem as posições que assumiam, em vez de focar as personagens –os gregos “heróis”—foca o processo, a crise e os seus possíveis desenlaces. E aí, as metáforas, mesmo não saindo do domínio cultural da Grécia clássica, dão uma visão precisamente oposta. Os gregos não são heróis, mas loucos, imprevidentes, condenados a um destino terrível. Metáforas como 14) CRISE DA GRÉCIA É PEÇA DE TEATRO TRÁGICA abundam (sobretudo na expressão “a tragédia grega”). E veja-se que os outros domínios metafóricos utilizados como Fonte e presentes em 12), 13), 15), 16), 17) (FURACÃO, VACINA, PRECIPÍCIO, TIRO NA CABEÇA, MORTE) são igualmente (ou ainda mais) ameaçadores.

Mas a esta visão que “dava razão” à Europa/Troika não havia uma outra, contraposta, ideologicamente antitética e de metáforas diferentes? Claro que havia, e a metáfora recorrente era, sobretudo, a 18) QUEDA DA GRÉCIA É QUEDA DE PEÇA DE DOMINÓ NUMA SÉRIE. Era a grande ameaça para a Europa e o grande trunfo que a Grécia sempre jogou. E só quando esta percepção caiu por terra, quando se estabeleceu (se construiu a percepção de) que a queda da Grécia não geraria o efeito dominó nos outros países é que a Grécia se deu por vencida e aceitou as condições que a Europa/ Alemanha/ Troika lhe impuseram.

Já as metaforizações sobre a Alemanha/Europa são muito mais raras. Estas duas entidades, metonimicamente conectadas, são essencialmente percecionadas como detentoras de poder/dinheiro que as metáforas recolhidas (ver anexos finais) ilustram:

21) ALEMANHA É AGIOTA

22) MERKEL É CAPITÃ; EUROPA É NAU; CRISE É
TORMENTA

23) EUROPA É CONCÍLIO DOS DEUSES

A existirem, as metáforas simpáticas para com a Alemanha/Europa serão muito raras. A única encontrada que poderá aparentemente indicar uma focalização positiva é a 23) que retoma a mitologia grega. No entanto, a positividade é mais aparente que real: os deuses do Olimpo, a que é comparada a Europa, são vingativos, desprezam os humanos e fazem deles instrumentos dos seus desejos.

Domínios complexos e encadeamentos em *cascatas de metáforas*

Embora na tradição sobre a metáfora concetual se entenda que a noção de haver dois domínios (Alvo e Fonte) é uma questão pacífica, vendo bem a complexidade e a diversidade dos processos metafóricos aqui presentes podemos constatar que ou ter-se-ão que admitir vários domínios encadeados ou então falar de dois macrodomínios.

Particularmente interessantes para ilustrar esta situação são as metáforas que explicitam a metáfora de base NEGOCIAR É LUTAR aplicada às negociações Europa-Grécia (ver anexo final *GRÉCIA versus EUROPA*). Vai haver necessidade de uma relação proporcional que envolva quatro entidades. Se a cada uma pudermos chamar domínio, então teremos quatro domínios: GRÉCIA (interveniente 1 e Alvo) a lutar contra a EUROPA (interveniente 2 e Alvo) é como X (Fonte de 1) a lutar contra Y (Fonte de 2). Ora a existência nítida de duas Fontes sugere a necessidade da existência de dois domínios: ou então, de um domínio complexo, já que X e Y se encontram necessariamente ligados e os podemos inserir num mesmo macrodomínio.

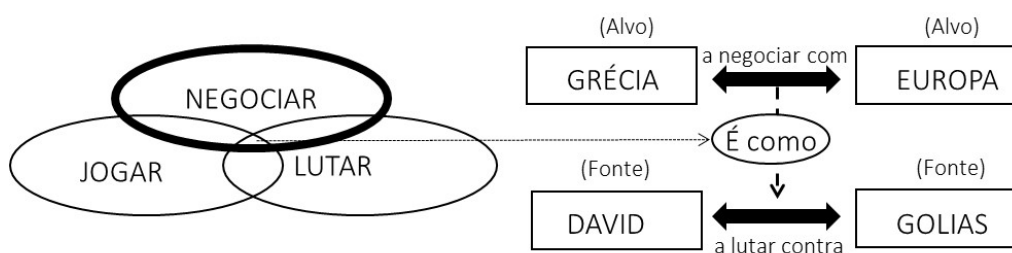


Figura 8

A Figura 8 ilustra como a metáfora de base NEGOCIAR É LUTAR suporta o conjunto de metáforas 24)-36) e como esse conjunto implica, em cada metáfora, dois Alvos (Grécia+Europa) e duas Fontes (David+Golias, por exemplo para 24)) ou então dois macro domínios

(Grécia e Europa pertenceriam ao mesmo domínio Alvo, enquanto David e Golias ao outro, constituindo um único domínio Fonte).

Como é bom de ver, as metáforas da parte da direita do esquema não são possíveis sem as da parte esquerda, a base que irá permitir uma série de metáforas encadeadas em cascata, para usar a terminologia da *Cascade Theory* que ultimamente Lakoff utiliza. Ao macrodomínio da GRÉCIA, decomposto nas camadas referentes à mitologia guerreira, juntam-se outros domínios de lutas míticas (David/Golias, Cartago/Roma). Mas como nem só de guerras se faz uma luta, o esquema desencadeia uma série de metáforas (vejam-se as que vão de 32) a 36)) a que se poderia chamar “metáforas de confronto não imediato” ou “confronto latente”. Não é guerra imediata, mas oposições que ameaçam o equilíbrio da estabilidade europeia: a Grécia ser como uma criança que quer negociar com adultos (32), um aluno que luta sempre por mais uma oportunidade (33), um membro da família que se aproveita do trabalho dos outros (34), uma realidade perigosa porque demasiadamente agitada e imprevisível (35) ou então o lúdico inconsciente que não quer saber das consequências (36).

24) GRÉCIA CONTRA ALEMANHA/EUROPA É DAVID
CONTRA GOLIAS

25) GRÉCIA É ULISSES e MERKEL-EUROPA É POLIFEMO

26) GRÉCIA É HÉRCULES e EUROPA É HIDRA DE MUITAS
CABEÇAS

27) (EU) VAROUFAKIS SOU ULISSES e Oponentes
(Troika/Europa) são as sereias enganadoras

28) Proposta Gregas é Cavalos de Troia e Europa
é Troia

29) GRÉCIA É CAVALO DE TROIA e EUROPA É TROIA

30) GRÉCIA É ZEUS e EUROPA É MULHER RAPTADA

- 31) GRÉCIA É CARTAGO e ALEMANHA É IMPÉRIO ROMANO
- 32) GRÉCIA É CRIANÇA e [EUROPA É PESSOA ADULTA]
- 33) GRÉCIA É ALUNO QUE CONSEGUE OPORTUNIDADE EXTRA DE EXAME e [EUROPA É EXAMINADOR]
- 34) GRÉCIA É MEMBRO APROVEITADOR DE FAMÍLIA e EUROPA É FAMÍLIA,
- 35) GRÉCIA É VULCÃO e [EUROPA É ACALMIA]
- 36) GRÉCIA É A DROGA NUMA FESTA e EUROPA SÃO PESSOAS EM FESTA.

Mas para além de metaforizarem a negociação através de Fontes diretamente ligadas a lutas (24-31) ou apenas indiretamente através de oposições potenciadoras de confrontos (32-36), o que se destaca deste conjunto de metáforas concetuais é a complexidade dos elementos pertencentes aos domínios usados e a necessidade de envolver dois Alvos (Grécia-Europa) e por isso duas Fontes.

Complementando a Figura 8 com o esquema a seguir (Tabela 2), podem ver-se as principais metáforas recolhidas (ver anexo *GRÉCIA versus EUROPA*) que veiculavam as negociações entre a Grécia e a Europa.

GRÉCIA (Alvo)	a negociar com	EUROPA (Alvo)
	É como	
(Fontes)	contra	(Fontes)
DAVID		GOLIAS
ULISSES		POLIFEMO
HÉRCULES		HIDRA DE MUITAS CABEÇAS
ULISSES		SEREIAS ENGANADORAS
PROPONENTE DE CAVALO DE TROIA		TROIA
CAVALO DE TROIA		TROIA
ZEUS		MULHER RAPTADA (Europa)
CARTAGO		IMPÉRIO ROMANO

CRIANÇA		PESSOA ADULTA
ALUNO QUE CONSEGUE OPORTUNIDADE EXTRA DE EXAME		EXAMINADOR
MEMBRO APROVEITADOR DE FAMÍLIA		FAMÍLIA
VULCÃO		ACALMIA
DROGA NUMA FESTA		PESSOAS EM FESTA

Tabela 2

Terminando com algumas reflexões significativas

A forma como a apresentação da crise, mormente no que toca ao processo de negociação entre a Grécia, a Europa e as instituições credoras, aparece veiculado pelos *media* permite interessantes reflexões relativas ao uso metafórico enquanto processo de referência das realidades cotidianas, por mais tecnocráticas que estas possam parecer, como é o caso dos assuntos económicos. Também aqui, os números perdem para as metáforas, a mais profunda forma de referirmos as nossas vivências do cotidiano.

E se é a metáfora que salta aos olhos, não se pode esquecer a interconexão existente entre o processo metafórico e o metonímico. Os Alvos têm de ser percecionados metonimicamente para todo conjunto metafórico poder ser entendível. O opositor da Grécia, como vimos, é revelado por uma cadeia metonímica que a Figura 6, atrás apresentada, representa (MERKEL POR ALEMANHA POR EUROPA POR TROIKA). Sem perceber esta cadeia, muitas das metáforas tornam-se incompreensíveis. Mas também a própria Grécia aparece metonimizada através do governo (e este através do ministro Varoufakis ou do primeiro ministro Tsipras) ou através das propostas apresentadas. Para

compreender um título como "Alemanha considera proposta grega um 'cavalo de Troia'" (título em *Público online*, 20/2/2015) obviamente que temos de entender que a Grécia é metonimizada nas suas propostas. E se estas são um “cavalo de Troia”, a Grécia é a entidade que pretende vencer a Europa da mesma forma que os gregos venceram os troianos oferecendo-lhes o mítico cavalo.

E quando um governante da Grécia se compara a um herói grego?: “Por vezes, como o fez Ulisses, temos de nos amarrar a um mastro para chegarmos onde pretendemos e evitar as sereias’, disse Varoufakis” (*Expresso online*, 22 de fevereiro 2015)²⁴. A forma como o ministro quer ser visto –(EU) VAROUFAKIS SOU ULISSES, Oponentes (EUROPA) SÃO AS SEREIAS ENGANADORAS—é constituída apenas pela metáfora? Esta metáfora é muito mais poderosa aplicada concretamente a ele, porque quer ele, ministro, quer Ulisses são metonímias da Grécia (moderna e clássica). Isto quer dizer que se ambos, Varoufakis e Ulisses são metonímias da Grécia, um pode ser metonímia do outro. Varoufakis transforma-se, assim, num Ulisses moderno. A metáfora que se pretende fazer passar (SITUAÇÃO GRÉCIA-EUROPA É A DE ULISSES COM AS SEREIAS) torna-se mais justificada porque à sobreposição dos domínios Alvo e Fonte metafóricos junta-se a relação metonímica ULISSES POR GRÉCIA e VAROUFAKIS POR GRÉCIA>VAROUFAKIS POR ULISSES.

Por que preferimos, à crueza despida em números económicos, tantas e tão variadas metáforas? Porque estas vestem as nossas ideias, permitem que saiam e se mostrem de forma mais apreensível e decente. Tal como a roupa, embrulham e aquecem. Dão cor e calor às nossas

²⁴ <http://expresso.sapo.pt/os-trabalhos-herculeos-de-varoufakis-mercados-financeiros-a-espera-da-lista-de-reformas=f911931#ixzz3SUsGKGDF>

visões sobre aquilo que consideramos ser a realidade, que não passa sempre de uma percepção construída sobre essa mesma realidade. Ou seja, as metáforas vestem as nossas ideologias, reforçam-nas e tornam-nas apresentáveis. Por isso é que a opção por uma metáfora e não por outra é a opção por uma visão particular, por uma forma de ver, por uma ideia/ideologia sobre os acontecimentos. Daí que elas possam ser tão diferentes, embora focando as mesmas realidades referidas. Usar as metáforas GRÉCIA É ULISSES/ HÉRCULES/ ZEUS é diferente, muito diferente, de GRÉCIA É CRIANÇA, presente na declaração que levantou enorme polémica do primeiro ministro de Portugal, Pedro Passos Coelho, quando afirmou que o que o governo grego prometia aos seus cidadãos era “um conto de crianças”²⁵. Não era por acaso que estas visões antitéticas correspondiam às duas visões ideológicas que se enfrentavam: a de quem considerava a posição da Grécia uma posição heroica, de luta e desafio justificado, defensor do orgulho nacional contra os “abutres” dos credores em oposição aos que pensavam que o governo grego enganava com promessas impossíveis o seu próprio povo, tratando-o como seres infantis a quem se pode prometer o impossível.

É difícil optar por qualquer metáfora da Tabela 2 sem fazer uma opção ideológica de simpatia ou antipatia ou pela Grécia ou pela Europa/credores. Pode-se apresentar a Grécia com facetas heroicas lutando com monstros Polifemos e Hidras de sete cabeças, como um David merecedor de simpatia lutando contra os Golias financeiros; mas

²⁵ "Passos. Ideias do Syriza são 'conto de crianças'" (*Expresso online*, 26 janeiro 2015), <http://expresso.sapo.pt/passos-ideias-do-syriza-sao-conto-de-criancas=f908096#ixzz3SQCHnpQs>; "Ideias do Syriza são 'conto de crianças', diz Passos Coelho, *Público online*, 26/01/2015); "Grécia: «Isto é um conto de crianças», diz Passos" (TVI 24, 26 janeiro 2015, <http://www.tvi24.iol.pt/politica/passos-coelho/grecia-isto-e-um-conto-de-criancas-diz-passos>).

também se pode apresentar a posição da Grécia como infantilidades inocentes, como intenções escondidas e prejudiciais para a Europa (Cavalo de Troia), como membro preguiçoso e aproveitador do trabalho dos outros numa família, ou mesmo como um mal que é difícil expurgar e que liberalmente se deve aceitar sem olhar a considerações morais (ver em anexos o cartaz "€UROPE without GREECE is like a party without drugs").

Por isso, é que optar por uma metáfora é quase sempre manifestar uma opinião: dificilmente há metáforas neutras.

Um outro aspeto que nos parece bastante relevante é o do (multi)encadeamento das metáforas.

A tradição de análise, mesmo a cognitiva, apresenta o processo metafórico como uma realidade entre um Alvo e uma Fonte, ou (para Fauconnier & Turner) entre dois *inputs*.

Só que não há apenas metáforas simples do género X É Y em que X e Y são estruturas não complexas envolvendo apenas dois conceitos de base do género NEGOCIAR É LUTAR. Como, por exemplo, se comprova na Tabela 2, as metáforas para, nesta situação de negociação, representar a Alemanha (ou Europa ou Troika) e a Grécia não podem ser dissociadas da própria metáfora NEGOCIAR É LUTAR. Isto significa que a estrutura não pode ser apenas GRÉCIA É X ou ALEMANHA É Y (um Alvo e uma Fonte) mas GRÉCIA A NEGOCIAR COM ALEMANHA É X A LUTAR COM Y.

Podemos ver nesta estrutura metafórica apenas uma metáfora? Podemos. Mas não pode ser do mesmo género de NEGOCIAR É LUTAR, até porque esta última é apenas uma parte componente daquela. Tem de haver uma projecção para o Alvo GRÉCIA, outra para o Alvo ALEMANHA, outra para a Fonte de GRÉCIA e outra para a Fonte

de ALEMANHA, tudo assente na base metafórica NEGOCIAR É LUTAR. Claro que podemos dizer que continua a haver apenas um Alvo (GRÉCIA CONTRA ALEMANHA) e uma Fonte (É CARTAGO CONTRA O IMPÉRIO ROMANO). Mas a complexidade e multiplicação dos intervenientes (dos *inputs*, se quisermos dizer) é bastante diferente. Há razões, a nosso ver, para não considerar da mesma amplitude e essência domínios simples (como NEGOCIAR) e macrodomínios (como CARTAGO CONTRA O IMPÉRIO ROMANO).

Também não se pode dizer que há 3 metáforas independentes (que seriam NEGOCIAR É LUTAR, GRÉCIA É CARTAGO e ALEMANHA É IMPÉRIO ROMANO). O que há é a constante interação entre vários domínios, várias Fontes e vários Alvos em processos complexos de metaforização que a visão neuronal da metáfora apelida de “cascatas”.

Talvez o nome não interesse muito e como não percebemos com razoável confirmação como se processa a informação neuronal nas metáforas, podemos mesmo usar a velha designação da Retórica de *alegorias*. O essencial é que se entenda que o processo metafórico nem sempre é simples e pode possuir a complexidade de envolver vários domínios interrelacionados (ou macrodomínios) e várias projeções entre Alvos e Fontes diversificadas.

Exemplifique-se com a(s) metáfor(a)s que temos vindo a referir, GRÉCIA CONTRA ALEMANHA É CARTAGO CONTRA O IMPÉRIO ROMANO. As possibilidades de projeção Fontes-Alvos são tais que o jornalista sente necessidade de as explicar com bastante detalhe:

Wolfgang Schäuble²⁶ entrou este fim de semana na fase em que Catão, o Censor, começou a achar que só havia uma solução para Cartago, a arqui-inimiga de Roma. Depois de vários armistícios e acordos de paz, as duas potências do Mediterrâneo acabavam sempre por se enfrentar em longas guerras. A "paz de Cartago" ficou assim conhecida como uma paz transitória, em que ninguém acreditava, apenas usada para os contendores ganharem tempo e se rearmarem.

Pois bem, Catão, cujo partido dominava Roma naquela época, perdeu a paciência com os cartagineses, que gostavam de abusar da paz assinada, e passou a terminar todos os discursos com a mesma frase: "Quanto ao resto, acho que Cartago deve ser destruída". *Cartago delenda est.*

Quando perceberam que Catão falava a sério, os cartagineses ainda tentaram negociar, mas era tarde demais. Depois de anos e anos de hesitações, Roma tinha passado ao plano B. E foi assim que Roma arrasou Cartago, que ardeu durante dezassete dias até que não restasse um vestígio. Este fim de semana, Schäuble entrou na sua fase Catão e perdeu o medo do Grexit²⁷, num processo dificilmente reversível. *Atenas delenda est.*

(Ricardo Costa, *Expresso online*, 13/7/2015)²⁸

O jornalista pretende mostrar como uma aparente simples “comparação” pode envolver ângulos de identificação que nos permitem compreender a realidade que prevemos como futura por análise com a Fonte já conhecida. É que, na realidade, as metáforas

²⁶ Ministro da finanças alemão.

²⁷ Saída da Grécia do Euro, vista como grande ameaça para a estabilidade das economias europeias.

²⁸ <http://expresso.sapo.pt/internacional/2015-07-13-Atenas-delenda-est>

também têm esta relevância cognitiva: se a metaforização é sobre um processo em desenvolvimento, como sabemos como na Fonte o processo se desenrolou, estamos a fazer projeções e crenças sobre a forma como ele irá acabar no Alvo. E as metáforas também são poderosas por isto mesmo: elas fornecem percepções de previsibilidade, dizem-nos o que pode acontecer no futuro e por isso podem adquirir grande relevância cognitiva e comportamental.

As *cascatas* metafóricas em macrodomínios tornam-se ainda mais complexas no seu processo de receção quando não há uma verbalização explícita das projeções com a nitidez que se pode encontrar na última citação. Como nas metáforas pictóricas a verbalização é nula ou reduzida (quando aparece nas legendas ou títulos) é sempre o recetor a ter que construir as projeções necessárias. E nestes casos, é óbvio que, não havendo expressão verbal, os domínios envolvidos podem diferir de recetor para recetor conforme a maior ou menor quantidade de projeções feitas.

Veja-se o cartoon da Figura 9 sobre a(s) mesma(s) temática(s): as negociações entre a Grécia e os credores.



Figura 9²⁹

²⁹ António, *O Cartoon de António: Quixotescamente...*, *Expresso*, 30 abril 2015.

Ele pode acionar múltiplos *frames* em 2 macrodomínios: D. Quixote-Euro (metonímia de Europa) que podem ser verbalizados com várias metáforas concetuais: MINISTRO GREGO É DOM QUIXOTE que pressupõe NEGOCIAR É LUTAR; GRÉCIA É CAVALO CANSADO E FRÁGIL; EURO É O ESCUDO DE PROTEÇÃO E LUTA; VELAS DE MOINHOS SÃO NOTAS DE EURO, que implica que o moinho possa ser visto como metonímia da economia correspondendo às metáforas ECONOMIA É UMA MÁQUINA (“a economia acelerou”) e ECONOMIA É EDIFÍCIO (“a economia do país alicerça-se na indústria e no turismo”). Podemos dizer que há apenas um Alvo e uma Fonte? A não ser que se suba a um nível bastante genérico e abstrato, a multiplicidade de metáforas possíveis e facilmente desencadeadas mostra como pensar no processo metafórico como um processo essencialmente de dois *inputs* é bastante redutor.

Mas por mais complexo (e com projeções não unívocas para todos os recetores) que seja o processo, a metáfora concetual, verbalizada, transformada em imagem ou noutra forma expressiva, continua a ser um poderoso instrumento de perceção, construção e de veiculação das nossas ideias sobre a realidade cotidiana. Para medir, estabelecer tabelas de comparação ou hierarquizar algum aspeto ou dimensão nas economias, os números têm a sua função. Mas para nós, seres humanos, construirmos modelos mentais que nos representem a realidade, preferimos aos números os modelos metafóricos. Os *media* intuem isso facilmente e a própria ciência económica sabe que uma economia tanto ou mais do que números assenta em perceções. É por isso que enquanto houver humanos que funcionem como nós funcionamos nunca a crueza dos números substituirá a veiculação metafórica. Continuaremos a

preferir à suposta objetividade dos números o poder convincente e manipulador das metáforas. Cotidianamente.

Referências

DEHAENE, Stanislas. *Reading in the Brain: The New Science of How We Read*. New York: Penguin, 2009.

FELDMAN, Jerome. *From Molecule to Metaphor - A Neural Theory of Language*. MIT Press, 2006.

KOECHLIN, E., ODY, C., & KOUNEIHHER, F. *The architecture of cognitive control in the human prefrontal cortex*. *Science*, 302(5648), 1181-1185, 2003.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. The University of Chicago Press, Chicago, 1980.

LAKOFF, George. The neural theory of metaphor. In GIBBS, R. W. (Edit.), *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge University Press, pp. 17-38, 2006.

_____. 2009. *The Neural Theory of Metaphor*. 2009. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=1437794> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.1437794>,

TEIXEIRA, José. Futebol, inferno, jogo e guerra: as realizações linguísticas do jogo como metáfora nas capas dos jornais desportivos portugueses. *Diacrítica - Série Ciências da Linguagem*, nº 25/1 (2011), Universidade do Minho, Braga, pp. 283-318; <http://hdl.handle.net/1822/17804>

_____. Metaphors, We Live By: Metáfora, verdade e mentira nas línguas naturais. *in Revista Galega de Filoloxía*, Nº 14/2013, ISSN 1576-2661. Universidade da Corunha (Espanha), pp.201-225; 2013. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/28321>

Anexos

NEGOCIAR É JOGAR

“Os teóricos dos jogos analisam as negociações como se estas fossem jogos em que se divide um queijo, envolvendo jogadores egoístas. Porque passei muitos anos, durante a minha vida anterior como académico, a investigar a teoria dos jogos, alguns comentadores apressaram-se a assumir que como novo ministro das Finanças da Grécia eu estava apressadamente a conceber bluffs, estratégias e opções externas na tentativa de melhorar uma mão fraca.

Nada pode estar mais longe da verdade.

Quando muito, os meus antecedentes de teoria dos jogos convenceram-me de que seria uma rematada loucura pensar nas atuais conversações entre a Grécia e os nossos parceiros como um jogo de negociações que se pode ganhar ou perder através de bluffs e subterfúgios táticos.” *in Não é altura para jogos na Europa*, por YANIS VAROUFAKIS*, 17 fevereiro 2015 (* Ministro das Finanças da Grécia: artigo originalmente publicado no *New York Times*)

"Prognóstico antes do fim do jogo da Grécia ", Ferreira Fernandes, "Prognóstico antes do fim do jogo da Grécia", <i>DN</i> , 19.2.2015
A Grécia está a jogar para perder (Anatole Kaletsky, "A Grécia está a jogar para perder", <i>Negócios</i> , 18 Fevereiro 2015)
A questão é que a Grécia está de novo onde começou no concurso de póquer com a Alemanha e com a Europa. O novo Governo mostrou as suas melhores cartas muito cedo e não lhe resta credibilidade para tentar fazer bluff . (Anatole Kaletsky, "A Grécia está a jogar para perder", <i>Negócios</i> , 18 Fevereiro 2015)
O desfecho mais provável é que em breve o Syriza admita a derrota (Anatole Kaletsky, "A Grécia está a jogar para perder", <i>Negócios</i> , 18 Fevereiro 2015)
" Jogos gregos " (título de artigo de opinião, Alexandre Abreu, <i>Expresso online</i> , Quarta feira, 14 de janeiro de 2015)
A teoria dos jogos , bem conhecida dos estudantes de economia e não só, consiste no estudo formal das interações estratégicas. ... Dei por mim a pensar em tudo isto a propósito do confronto entre o futuro governo grego e a troika que tem vindo a preparar-se nas últimas semanas " Jogos gregos ", Alexandre Abreu, <i>Expresso online</i> , Quarta feira, 14 de janeiro de 2015)
[no] confronto entre o futuro governo grego e a troika.... as semelhanças com o " jogo do medricas " são óbvias. De forma quase simultânea e com elementos de irreversibilidade, ambas as partes terão de optar entre a cedência e a opção ofensiva. Cada uma das partes sairá vitoriosa se não ceder e o oponente ceder, mas, se nenhum dos dois ceder, o desenlace será aquele que ambos dizem querer evitar: a saída da Grécia da União Económica e Monetária. Alexandre Abreu, <i>Expresso online</i> , Quarta feira, 14 de janeiro de 2015)
Mas duas coisas são certas: trata-se de um jogo com consequências de enorme envergadura... e somos muitos pela Europa fora a desejar que o Syriza não ceda. (Alexandre Abreu, <i>Expresso online</i> , Quarta feira, 14 de janeiro de 2015)
Sendo o novo ministro das Finanças Grego Varoufakis professor de Teoria dos Jogos , diferentes analistas e comentadores internacionais têm-se divertido a comentar o aparente impasse situação da Grécia como um jogo . O problema em causa tem uma teorização aparentemente bastante simples e é conhecido como o " Game of Chicken ". A tradução literal seria o jogo da galinha , mas aqui galinha tem o significado de covarde. (Inês Domingos, in <i>Observador</i> , O ECONOMISTA À PAISANA: A Grécia, a Europa e a galinha, 17/2/2015)
O jogo de poker , de alto risco e elevadas apostas , já começou. O governo alemão deixou fazer saber, através da Spiegel Online, que considera a saída da Grécia da zona euro "suportável". ("David e Golias", Ricardo Cabral, <i>Público</i> , 4 janeiro 2015)
Será que, afinal, há bluff no desafio que a Grécia está a colocar à Europa? Há bluff grego, quando Varoufakis, o especialista em teoria de jogos , já tinha prometido não cair em tentação? Há bluff europeu na voz arrependida de Juncker? (António José Teixeira, <i>SIC Notícias online</i> , 19/2/2015)
"Numa semana marcada pelo braço de ferro entre o novo Governo helénico e os parceiros do Eurogrupo (José Mendes, "Em que ficamos?", <i>Jornal de Notícias</i> , 22/2/2015)

NEGOCIAR É LUTAR

De um lado temos, então, o grego Varoufakis todo ao ataque (Ferreira Fernandes, "Prognóstico antes do fim do jogo da Grécia", <i>DN</i> , 19.2.2015)
Desta vez, o duelo é claro e com resultado até ao fim de semana. O grego Varoufakis pode enervar o Eurogrupo (Ferreira Fernandes, "Prognóstico antes do fim do jogo da Grécia", <i>DN</i> , 19.2.2015)
A Grécia ... em vez de manter essa posição e transformar o debate sobre o perdão de dívida numa

tática de diversão (Anatole Kaletsky, “A Grécia está a jogar para perder”, <i>Negócios</i> , 18 Fevereiro 2015)
o Governo helénico vai provavelmente recuar , tal como a Irlanda e o Chipre capitularam quando enfrentaram ameaças semelhantes. Esta capitulação no último minuto ... (Anatole Kaletsky, “A Grécia está a jogar para perder”, <i>Negócios</i> , 18 Fevereiro 2015)
Varoufakis pode ser substituído no cargo de ministro das Finanças, enquanto o resto do Governo sobrevive . (Anatole Kaletsky, “A Grécia está a jogar para perder”, <i>Negócios</i> , 18 Fevereiro 2015)
Seja qual for a forma que seja adoptada para a rendição , a Grécia não vai ser o único perdedor . (Anatole Kaletsky, “A Grécia está a jogar para perder”, <i>Negócios</i> , 18 Fevereiro 2015)
No primeiro round a Grécia ganhou tempo (Daniel Oliveira, Título de artigo de opinião), <i>Expresso online</i> , 23 fev 2015
o desenlace do conflito entre o provável futuro governo grego e a troika. (Alexandre Abreu, <i>Expresso online</i> , Quarta feira, 14 de janeiro de 2015)
O ' combate ' entre a Grécia de Alexis Tsipras e a Alemanha de Angela Merkel, aqui replicado num desfile carnavalesco em Duesseldorf, (Manuela Goucha Soares, <i>Expresso online</i> , 12 de Março de 2015, http://expresso.sapo.pt/tsipras-cita-sermao-de-cristo-o-massacre-nazi-e-a-esgrima-retorica-entre-a-grecia-e-a-alemanha=f914706#ixzz3UAlqGr2N)
A luta entre o Syriza e a Europa é uma espécie de David contra Golias . (Domingos Amaral, 6/2/2015, http://domingosamaral.com/david-contra-golias-ou-o-syriza-contra-147244)

NEGOCIAR É JOGAR ou NEGOCIAR É LUTAR?

E o resultado é um de dois: ou a Grécia ganha, uma coisinha que seja; ou a Grécia perde e cede em tudo (e, eventualmente, acaba por sair da União Europeia e do euro, para um destino dramático) (Ferreira Fernandes, "Prognóstico antes do fim do jogo da Grécia", <i>DN</i> , 19.2.2015)
apesar de a Grécia ser obviamente a parte mais fraca no conflito, há muito mais em jogo. (Anatole Kaletsky, “A Grécia está a jogar para perder”, <i>Negócios</i> , 18 Fevereiro 2015)
No confronto greco-alemão é fácil, pelo menos em teoria, desenhar um empate neste jogo (Anatole Kaletsky, “A Grécia está a jogar para perder”, <i>Negócios</i> , 18 Fevereiro 2015)
Draghi deixou que a Alemanha ganhasse neste ponto (Anatole Kaletsky, “A Grécia está a jogar para perder”, <i>Negócios</i> , 18 Fevereiro 2015)
Se Varoufakis tivesse adoptado uma estratégia equivalente para a Grécia (Anatole Kaletsky, “A Grécia está a jogar para perder”, <i>Negócios</i> , 18 Fevereiro 2015)

NEGOCIAR É NAMORAR

"Namoro continua na 2ª" (TÍTULO ILUSTRADO POR UMA FOTO Da presidente do FMI e do ministro das finanças grego Varoufakis, ambos sorridentes -- SUSANA FREXES, <i>Expresso</i> , 14 de fevereiro de 2015)

METÁFORAS CARACTERIZADORAS DA GRÉCIA

GREGOS SÃO OS FILHOS DE HÉRCULES: "Os filhos de Hércules" (título de artigo, Sérgio Figueiredo, <i>DN</i> , 16/02/2015)
TSIPRAS É HÉRCULES: "O Hércules do Século XXI" (Título de artigo) (Luiz Eduardo Garcia da Silva, <i>Jornal do Comércio</i> , 10/2/2015)
TSIPRAS É HÉRCULES: "os desafios a serem encarados por Alexis Tsipras nos próximos anos são hercúleos (Luiz Eduardo Garcia da Silva, <i>Jornal do Comércio</i> , 10/2/2015)

VAROUFAKIS É HÉRCULES: "Os trabalhos hercúleos de Varoufakis. Mercados financeiros à espera da "lista de reformas" (<i>Expresso online</i> , 22 de fevereiro de 2015, http://expresso.sapo.pt/os-trabalhos-herculeos-de-varoufakis-mercados-financeiros-a-espera-da-lista-de-reformas=f911931#ixzz3SUsGKGDF)
SAIR DO EURO É DAR TIRO NA CABEÇA: Do lado europeu poucos têm vontade de testar o que acontece quando um país sai da moeda única [...]. Do lado grego, a ameaça de dar um tiro na própria cabeça não tem, por enquanto, mandato democrático (Bruno Faria Lopes, <i>Económico</i> , 18/2/2015)
SAIR DO EURO É MORRER/ MINISTROS SÃO CANGALHEIROS: "Tsipras e Varoufakis, os cangalheiros gregos (título) ... Uns dias ameaçam, noutros fazem-se de vítimas. O ruído é a gloriosa música que vai acompanhar a Grécia na sua saída do Euro" (António Ribeiro Ferreira, 16/3/2015, <i>Jornal i online</i>)
GRISE GREGA É FURACÃO: "Em pleno furacão grego, Portugal colocou nos mercados 1250 milhões de euros" (Altos-Maria Albuquerque, <i>Expresso</i> , 18 fevereiro 2015)
CRISE DA GRÉCIA É VACINA PARA A EUROPA: Grécia: vacina ou epidemia? (título artigo) Os alemães têm novamente a chave na mão. Se deixarem cair a Grécia, em vez de uma vacina pode sair-lhes – a eles e a todos nós - uma verdadeira epidemia. JOSÉ LUÍS RAMOS PINHEIRO, <i>RR online</i> , 25-06-2015, http://rr.sapo.pt/opiniao_detalle.aspx?fid=34&did=191562 ; A Portugal e Espanha interessa «fazer da Grécia a vacina da Europa» (TÍTULO DE ARTIGO, 4 MARÇO 2015, http://www.tviz4.iol.pt/opiniao/politica/a-portugal-e-espanha-interessa-fazer-da-grecia-a-vacina-da-europa); "A vacina grega" (título de artigo, António Ribeiro Ferreira, 29/6/2015, <i>Jornal i online</i> , http://ionline.pt/399689?source=social)
QUEDA DA GRÉCIA É QUEDA DE PEÇA DE DOMINÓ NUMA SÉRIE "BCE rejeita efeito dominó da crise grega" (<i>TVI 24 online</i> , 23 maio 2011, http://www.tviz4.iol.pt/economia/mercados/bce-rejeita-efeito-domino-da-crise-grega); Saída da Grécia da zona do euro pode deflagrar um efeito dominó", <i>sputniknews</i> 14/3/2015, http://br.sputniknews.com/mundo/20150314/437600.html#ixzz3lKb4DoAz
ACORDO GRÉCIA-EUROPA É SOPA DE PEDRA: Marcelo Rebelo de Sousa considera o acordo conseguido pela Grécia "uma sopa da pedra", (Mafalda Ganhão, <i>Expresso online</i> , 22/2/2015, http://expresso.sapo.pt/sociedade/rebelo-de-sousa-governo-portugues-nao-acerta-uma=f911976)
CRISE DA GRÉCIA É PEÇA DE TEATRO TRÁGICA: "Magia de Harry Potter ou tragédia grega?" (Título de artigo, Editorial, <i>Revista Sábado online</i> , 29 janeiro 2015); "O PSD, através de Miguel Santos, alertou para a colagem da oposição ao Syriza e para a situação que considera poder vir a transformar-se numa 'tragédia grega'" (Sofia Rodrigues, <i>A Grécia não é Portugal e o PS não é o Syriza</i> , <i>Público online</i> , 28/1/2015); "Tragédia grega", título de artigo, Pedro Pestana Bastos, <i>Económico online</i> , 30 janeiro 2015)
SOLUÇÃO DA CRISE GREGA É DEUS EX-MACHINA: Quando o enredo da tragédia já ia bem para lá de complicado, os autores clássicos resolviam-no com uma intervenção súbita de um ou vários deuses. Estes chegavam e com as suas artes divinas resolviam de vez a trama: a isto chamou-se Deus ex-machina, algo como "Deus vindo da máquina" pois o actor que fazia de deus chegava pelos ares, segurado por uma grua, por exemplo, a máquina. Hoje, é a crise da crise grega que suspira pelo seu Deus ex-machina. (Filipe Paiva Cardoso, <i>jornal i online</i> , 02/07/2015, http://ionline.pt/artigo/400196/grecia-so-o-perdao-de-divida-evita-rendicao-incondicional-de-tsipras?seccao=Mundo_i)
GRÉCIA É PRECIPÍCIO INSTÁVEL: Cartoon Henrique monteiro, <i>Sapo</i> , 6/7/2015 (dia a seguir ao referendo)
METÁFORAS CARATERIZADORAS DA ALEMANHA/EUROPA
ALEMANHA É AGIOTA (o alemão Schäuble pode acantonar-se no seu papel de agiota para quem o combinado é o combinado ((Ferreira Fernandes, "Prognóstico antes do fim do jogo da Grécia", <i>DN</i> , 19.2.2015)

MERKEL É CAPITÃ; EUROPA É NAU; CRISE É TORMENTA: Grande nau, grande tormenta - é um ditado antigo, que nos vem dos tempos marítimos heróicos. A Europa é, justamente, o exemplo da enorme nau com a desmesurada tormenta comandada por um capitão generalizadamente detestado. Diria melhor uma capitã, porque a chanceler Merkel tem sido, realmente, a líder da nau (Henrique Monteiro, *Expresso Diário*, 20/2/2015)

EUROPA É CONCÍLIO DOS DEUSES/ TEMPESTADES SÃO CASTIGOS/ CRISE É TEMPESTADE
"Ao seguir esta via, o agnóstico Tsipras está a semear ventos. Veremos até onde chega a paciência dos deuses da Europa. Zeus, quando estava descontente, manifestava a sua fúria através do mau tempo. Lá para abril, quando as "instituições" avaliarem ao detalhe o plano de reformas grego, saberemos se a trovoada vai ribombar nos céus de Atenas." (Nuno Saraiva, *Conspirações, DN*, 02 março 2015)

GRÉCIA versus EUROPA

GRÉCIA CONTRA ALEMANHA/EUROPA É DAVID CONTRA GOLIAS - Não faltam, nestas e noutras páginas, referências comparando o confronto entre a Grécia e o directório comandado pelo governo alemão ao mito de David e Golias, usado como atraente metáfora (José Gabriel, *A funda*, 18/02/2015 in <http://aventar.eu/2015/02/18/a-funda/>). "David e Golias" (título de artigo, Ricardo Cabral, *Público*, 4 janeiro 2015); David contra Golias (Domingos Amaral, 6/2/2015, <http://domingosamaral.com/david-contra-golias-ou-o-syriza-contra-147244>)




MERKEL-EUROPA É POLIFEMO GRÉCIA É ULISSES (imagem *Jornal Expresso online*, 16 março 2015):

GRÉCIA É HÉRCULES, EUROPA É HIDRA DE MUITAS CABEÇAS: De um lado está um partido que nem sequer teve a maioria absoluta dos votos nas eleições, e que governa agora um país pequeno, que vale cerca de 2,5% da economia europeia. Do outro está uma hidra de muitas cabeças: a troika, o BCE, a Comissão Europeia, o FMI, a Alemanha, o Eurogrupo onde estão representados os outros 17 países do euro, etc. (Domingos Amaral, 6/2/2015, <http://domingosamaral.com/david-contra-golias-ou-o-syriza-contra-147244>)

GRÉCIA É CRIANÇA [EUROPA É PESSOA ADULTA]: "Passos. Ideias do Syriza são "conto de crianças" (*Expresso online*, 26 janeiro 2015, <http://expresso.sapo.pt/passos-ideias-do-syriza-sao-conto-de-criancas=f908096#ixzz3SQCHnpQs>); Ideias do Syriza são "conto de crianças", diz Passos Coelho, *Público online*, 26/01/2015); Grécia: «Isto é um conto de crianças», diz Passos (TVI 24, 26 janeiro 2015, <http://www.tvi24.iol.pt/politica/passos-coelho/grecia-isto-e-um-conto-de-criancas-diz-passos>)

(EU) VAROUFAKIS SOU ULISSES, Oponentes (EUROPA) SÃO AS SEREIAS ENGANADORAS: "Por vezes, como o fez Ulisses, temos de nos amarrar a um mastro para chegarmos onde pretendemos e evitar as sereias", disse Varoufakis. Ele tem, agora, pela frente verdadeiros trabalhos de Hércules, continuando na senda da mitologia grega (*Expresso online*, 22 de fevereiro de 2015, <http://expresso.sapo.pt/os-trabalhos-herculeos-de-varoufakis-mercados-financeiros-a-espera-da-lista-de-reformas=f911931#ixzz3SUsGKGDF>)

GRÉCIA É ALUNO QUE CONSEGUE OPORTUNIDADE DE EXAME [EUROPA É EXAMINADOR]: [Grécia é] um aluno que consegue ser admitido a uma época de recurso". (Mafalda Ganhão, *Expresso online*, 22/2/2015, <http://expresso.sapo.pt/sociedade/rebelo-de-sousa-governo-portugues-nao-acerta-uma=f911976>)

<p>EUROPA É FAMÍLIA, GRÉCIA É MEMBRO APROVEITADOR "Existe um local onde o crime costuma sempre compensar: a família. ... Se a família é o local do mundo com mais misericórdia, tudo muda de figura quando os delitos quebram o elo ... A Grécia é o protótipo do insubordinado europeu." João César das Neves, Onde o crime compensa, <i>DN</i>, 25/2/2015, http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=4419285&seccao=Jo%20C%20E9sar%20odas%20Neves&tag=Opini%20-%20Em%20Foco&page=1</p>
<p>PROPOSTAS GREGAS SÃO CAVALO DE TROIA e EUROPA É TROIA: "Alemanha considera proposta grega um 'cavalo de Troia'", Título em <i>Público online</i>, 20/2/2015</p>
<p>GRÉCIA É CAVALO DE TROIA e EUROPA É TROIA "Putin rejeitou a ideia de que pretende usar a Grécia como um "cavalo de Troia" dentro da União Europeia (UE) - "não estamos a empurrar ninguém para nada" -, mas Tsipras confirmou que, mesmo garantindo que irá respeitar as decisões das instituições das quais a Grécia faz parte, pretende dar voz a alguns interesses russos" ("Tsipras estendeu a mão... mas Putin não agarrou", CÁTIA BRUNO, <i>Expresso online</i>, 8/4/2015, http://leitor.expresso.pt/#library/expressodiario/08-04-2015/caderno-1/temas-principais/tsipras-estendeu-a-mao-mas-putin-nao-agarrou)</p>
<p>GRÉCIA É VULCÃO [e EUROPA É ACALMIA]: "A Europa [...] olhou para a erupção grega como uma ameaça", António José Teixeira, <i>Expresso online</i> 26 fev 2015</p>
<p>GRÉCIA É ZEUS, EUROPA É MULHER RAPTADA (António, cartoon <i>Expresso</i> 21/2/2015)</p>
<p>GRÉCIA É CAVALO CANSADO E FRÁGIL/ GOVERNO GREGO É D. QUIXOTE/ EURO É O ESCUDO DE PROTEÇÃO E LUTA (António, cartoon "Quixotesicamente...", <i>Expresso</i>, 30/4/2015)</p>
<div style="display: flex; align-items: center;">  <div style="margin-left: 20px;"> <p>EUROPA SÃO PESSOAS EM FESTA E GRÉCIA É A DROGA DA FESTA: Cartaz " €UROPE without GREECE is like a party without drugs"</p> </div> </div>
<p>GRECIA É CARTAGO ALEMANHA É IMPÉRIO ROMANO</p> <p>Wolfgang Schäuble entrou este fim de semana na fase em que Catão, o Censor, começou a achar que só havia uma solução para Cartago, a arqui-inimiga de Roma. Depois de vários armistícios e acordos de paz, as duas potências do Mediterrâneo acabavam sempre por se enfrentar em longas guerras. A "paz de Cartago" ficou assim conhecida como uma paz transitória, em que ninguém acreditava, apenas usada para os contendores ganharem tempo e se rearmarem.</p> <p>Pois bem, Catão, cujo partido dominava Roma naquela época, perdeu a paciência com os cartagineses, que gostavam de abusar da paz assinada, e passou a terminar todos os discursos com a mesma frase: "Quanto ao resto, acho que Cartago deve ser destruída". <i>Cartago delenda est</i>.</p> <p>Quando perceberam que Catão falava a sério, os cartagineses ainda tentaram negociar, mas era tarde demais. Depois de anos e anos de hesitações, Roma tinha passado ao plano B. E foi assim que Roma arrasou Cartago, que ardeu durante dezassete dias até que não restasse um vestígio. Este fim de semana, Schäuble entrou na sua fase Catão e perdeu o medo do Grexit, num processo dificilmente reversível. Atenas delenda est. (Ricardo Costa, <i>Expresso online</i>, 13 jul 2015)</p> <p>http://expresso.sapo.pt/internacional/2015-07-13-Atenas-delenda-est</p>

Recebido em 06/10/2015. Aprovado em 20/11/2015.